

MAÇONARIA E EDUCAÇÃO NA CIDADE DE SOROCABA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX:

UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RELAÇÕES DE PODER

Ivanilson Bezerra da Silva ¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a atuação social da Maçonaria na segunda metade do século XIX (1870-1900) na cidade de Sorocaba, mostrando que tais agentes sociais tinham como proposta a modernização da cidade através das instituições escolares ligadas a maçonaria e ao presbiterianismo. A partir da análise do conceito de campo em Bourdieu (1996), o trabalho mostra que a cidade de Sorocaba no final do século XIX se configurava como um espaço social de poder construído através das relações entre diversos agentes sociais pertencentes aos diferentes campos que compunham a dinâmica urbana: campo político, religioso, social e educacional. No campo político e religioso alguns agentes sociais eram oriundos da maçonaria e do presbiterianismo e, para solidificarem seu projeto político, utilizaram-se de várias estratégias: organização de instituições escolares (maçônicas e protestantes), o uso da imprensa jornalística, a inserção no campo político, a modernização da cidade, libertação de escravos, industrialização, entre outros.

Palavras-chaves: Maçonaria; Educação; Modernização; Cidades.

Abstract

This paper aims to discuss the involvement of Freemasonry in the second half of the nineteenth century (1870-1900) in the city of Sorocaba, showing that social agents such as had proposed the modernization of the city through educational institutions linked to Freemasonry and Presbyterianism. From the analysis of the concept of field in Bourdieu (1996), the work shows that the city of Sorocaba in the late nineteenth century was configured as a social space constructed through power relations between different social actors belonging to different fields composing the urban dynamics: the political, religious, social and educational. In the political and religious some social workers were from Freemasonry and Presbyterianism and solidify his political project we used several strategies: organization of educational institutions (Masonic and Protestant), press use journalistic insertion in the political field, the modernization of the city, liberation of slaves, manufacturing, among others.

Keywords Freemasonry; Education; Modernization; Cities.

¹ Doutorando em História da Educação e historiografia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Educação, História da Educação e historiografia também pela USP, Pedagogo pela Universidade de Sorocaba (UNISO). É professor titular da UNIESP – Faculdade de Sorocaba do Curso de Pedagogia e Professor responsável pelo Grupo de pesquisa em História, sociedade e educação. Membro do grupo de pesquisa: Estudos História da Educação e Religião GEHER (USP) e grupo de pesquisa: Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo – NUMEP (Mackenzie).

Introdução

A historiografia da educação maçônica tem ocupado lugar nas discussões acadêmicas (BARATA, 1999; MORAES, 2003; SILVA, 2007; 2010). Porém, autores reconhecem a necessidade de se aprofundar a abordagem sobre o assunto (MOREL, 2001), devido a ambiguidade e a dificuldade de acesso as fontes primárias fornecidas pela própria Maçonaria.

Porém, têm-se importantes trabalhos que destacam a importância da Maçonaria brasileira. Podemos citar o trabalho de Carmem Moraes que acentua a Maçonaria como uma organização política muito bem articulada. Esta autora, entre outras coisas, mostra como a Maçonaria brasileira participou ativamente na instalação do movimento republicano no final do século XIX. Neste período, a Maçonaria brasileira utilizou da imprensa jornalística, dos discursos promovidos em Lojas e da construção de escolas laicas, segundo os ideais republicanos. O trabalho de Carmem é importante porque nos ajuda a entender como a Maçonaria atuou num momento decisivo da história brasileira. Sua proposta esclarece aspectos importantes da Maçonaria como organização política.

Outro trabalho que destaca a Maçonaria foi realizado por Mansur Barata, que, por sua vez, procura compreender a Maçonaria como uma rede de sociabilidade, embora não descarte o caráter político do movimento. Para Mansur Barata, a maçonaria pode ser entendida como uma rede de sociabilidade porque ajuda a compreender a construção de uma nova cultura política, marcada por um forte processo de politização do espaço intelectual, muitas vezes organizado pela própria Maçonaria. Para ele, no interior das Lojas os maçons construíam uma forma social própria, baseada na liberdade, igualdade e fraternidade.

Mansur defende que é preciso resgatar a Maçonaria como uma instituição formadora de opinião e que isto implica na necessidade de pensá-la como uma forma específica de sociabilidade, a qual possui caráter secreto-fechado (1999, p. 116). Segundo sua visão, a Maçonaria no final do século XIX se transformou em centros

de discussão e de formação de consenso sobre grandes temas que procuravam construir uma nova identidade nacional. Neste período os maçons tinham profundo interesse em colaborar na resolução dos problemas nacionais, especialmente em relação à questão servil e à ideia de República.

O trabalho de Silva (2010), intitulado: *A Igreja, A Escola e a Cidade – relações de poder entre maçons e presbiterianos na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX*, entre outras coisas, mostra a Maçonaria como um campo de poder, em que seus agentes articulam estratégias de dominação através das relações de poder entre os vários campos que formam o espaço social. A participação dos agentes maçônicos em diversos campos da cidade era uma estratégia de dominação. Suas articulações não se davam apenas no interior da Loja, mas também no campo político, educacional e na imprensa jornalística.

O mesmo autor em trabalho anterior (2007), intitulado: *Apontamentos sobre Maçonaria, Abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX*, já havia mostrado a participação da Maçonaria sorocabana na educação de crianças escravas na segunda metade do século XIX. Seu trabalho é importante porque traz análise de fontes primárias, tais como: jornais, atas e livro de matrícula das Lojas Maçônicas que estavam instaladas na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX.

O presente trabalho reforça essas análises anteriores que discutem as relações de poder estabelecidas entre maçons e presbiterianos na segunda metade do século XIX. O objetivo é reafirmar que a ideia de se compreender a Maçonaria como um campo de poder permanece relevante no entendimento das transformações ocorridas em Sorocaba na segunda metade do século XIX, inclusive as relacionadas a política e educação. Para tanto, apresenta-se a seguir uma análise da cidade de Sorocaba como um campo de poder. A dinâmica poder da cidade no final do século XIX determinou as ações adotadas pelos agentes

sociais que faziam parte de diversos campos, inclusive o maçônico.

A cidade como espaço social de poder

Segundo Hilsdorf (2003), o período delimitado neste trabalho, 1870 a 1899, é marcado por algumas transformações, entre elas:

O crescimento dos setores de prestações de serviços e da pequena indústria (têxtil, por exemplo), associada ao início da urbanização, ao crescimento das camadas médias e ao aparecimento de um proletariado urbano formado pelos imigrantes que, chegados ao país, abandonam o trabalho na zona rural e passa às cidades (2003, p. 57).

Neste contexto, a cidade é escolhida pelos imigrantes como lugar onde se exercem as atividades industriais e artesanais, tornando-os pequenos e médios proprietários. Hilsdorf ressalta que: "da perspectiva do capital, é pelo crescimento desses setores do comércio e serviços no processo de imigração-urbanização que vai se dando a formação da camada de empresários industriais, muitos deles também agroexportadores" (2003, p. 58). Já na perspectiva dos trabalhadores, nota-se a formação do proletariado urbano pelos imigrantes estrangeiros e também a migração do trabalhador nacional, bem como o processo de marginalização de ex-escravos. Hilsdorf (2003) afirma que este período de transformações é marcado pelo fim da monarquia, o fim do trabalho escravo e o início do trabalho livre e assalariado e ainda pela participação do capital estrangeiro, tanto inglês como norte-americano. Pontua, também, a intensa circulação de novas tendências de pensamento: positivismo, industrialismo, ruralismo. A cidade de Sorocaba não segue um curso diferente deste processo analisado pelos historiadores citados. Neste sentido, ao centrar a análise entre os anos de 1870-1900, pode-se de fato constatar que a cidade passa pelo acentuado processo de transfor-

mações políticas, educacionais e religiosas. A cidade era predominantemente rural e seu ciclo econômico dependia da chamada Feira de Mue-res, ligada ao tropeirismo.

Neste sentido, parte da elite sorocabana estava convencida de que a escravidão era anacrônica e um empecilho para o desenvolvimento social e econômico da cidade. A alternativa, portanto, era incentivar a imigração, com a finalidade de substituir a mão de obra escrava sem trazer prejuízos à economia da cidade. Porém, boa parte dos escravos libertos encontrou na mendicância a forma de sobrevivência. "Ao negro sobrou a exclusão social. Com raras exceções não havia lugar para ele na nova sociedade industrial e moderna, onde os trabalhadores, na sua maior parte era imigrantes, já ocupavam seu espaço" (CAVALHEIRO, 2006, p. 15). Para Cavalheiro, a falta de habilidade do escravo em lidar com as novas técnicas industriais foi preenchida pelo trabalho dos imigrantes. Entre as iniciativas dos imigrantes para a modernização da cidade estava a organização do Gabinete de Leitura, fundado em 13 de janeiro de 1867 pela colônia alemã na cidade, e pelo húngaro Matheus Maylasky, maçom que pertencia a Loja Maçônica Perseverança III.

Silva (2010) mostrou em seu trabalho, que a elite sorocabana morava na região central da cidade e tinha como porta vozes os maçons: Matheus Maylaski, Júlio Ribeiro, Ubaldino do Amaral, entre outros. Matheus Maylasky estava convencido que a vida econômica da cidade centrada no comércio de animais era um impedimento para o seu progresso. Para tanto, fazia-se necessário convencer a população de adequar a sociedade a um novo modo de produção, pois comparada a outras cidades, Sorocaba estava atrasada. O jornal *O Sorocabano* foi uma das ferramentas utilizadas por seus redatores-proprietários, Maylaski, Júlio Ribeiro e Ubaldino do Amaral, para convencer a população e, mais especificamente, a elite sorocabana no ano de 1870. Mais tarde o jornal passou a se chamar *O Sorocaba* e continuou sob a responsabilidade de Júlio Ribeiro e com a mesma perspectiva ideológica.

Ora, Maylaski, Ribeiro e Amaral estavam ligados às Lojas Maçônicas Perseverança III e Constância (LIVRO DE ATAS DA LOJA MAÇÔNICA PERSEVERANÇA III, 1869), organizações integrantes da Maçonaria sorocabana. O que fortalecia suas relações de poder e tomada de posição.

A imprensa sorocabana foi utilizada pelos republicanos como instrumento de propagação de interesses, valores, princípios, visão de mundo, ideais políticos da elite dominante em Sorocaba. Esta elite era composta de comerciantes, industriais, políticos, intelectuais, jornalistas, quase todos pertencentes à Maçonaria sorocabana. Tinham um ideal em comum: a construção de uma identidade social através dos ideais republicanos, que tinha como projeto político social a escola. A ela se dava a responsabilidade do desenvolvimento econômico, social e como instrumento de moralização e civilização das massas (PAVAN, 2006, p.151).

Para manter a hegemonia, os maçons da Loja Perseverança III, além de construírem as estratégias em torno da libertação do escravo, instrução escolar e da implantação da República, começaram a liderar outras agremiações: Partido Liberal, Gabinete de Leitura, Câmara Municipal, Hospital, Escolas. Isto implica em dizer que eles estavam, praticamente, dominando vários espaços sociais e vários campos na cidade de Sorocaba. No interior da Loja Maçônica eles discutiam e estabeleciam suas estratégias.

A cidade como espaço social precisava, no entendimento da elite sorocabana, passar por um processo de modernização, que seria possível através de novos investimentos políticos, econômicos e educacionais. Sem o devido investimento, segundo os agentes sociais do campo de poder, a sociedade sorocabana permaneceria no caos sustentado até então pelos políticos conservadores, ou seja, dependente economicamente da Feira de Mueres, sem modernização do espaço urbano, sem via férrea, sem exploração do algodão, sem a industrialização, sem escolas suficientes, sem uma economia voltada para o progresso, sem a valorização da mão de obra qualificada e outros aspectos. Neste sentido, a Maço-

naria sorocabana, ligada à política liberal partidária, estava estrategicamente articulada com a finalidade de legitimar a dominação dessa política na cidade.

Estas questões supracitadas e as articulações políticas que construíam o rumo da cidade - ou pelo menos assim estavam presentes no imaginário político desta parcela da elite sorocabana - eram urdidadas no interior da Loja Maçônica Perseverança III, que segundo a perspectiva adotada neste trabalho, pode ser vista como um campo de poder. Estes maçons estavam envolvidos por uma rede de sociabilidade e mantinham uma forte relação de poder, que garantiam não somente a reconfiguração do campo político e econômico da cidade, mas também a reconfiguração do espaço urbano. A cidade de Sorocaba, portanto, torna-se o lugar das disputas e das lutas em torno da solidificação do interesse de determinado grupo social, o qual, na medida em que dominava o campo político e econômico, manipulava as necessidades e os interesses da maioria da população desfavorecida, a qual talvez não precisasse ou quisesse tal modernização articulada ou configurada na ótica dos agentes sociais acima mencionados.

No contexto sorocabano, a escola era vista como um instrumento capaz de formar intelectuais de diversos níveis, qualificar os alunos para o trabalho e até mesmo de estabelecer uma sociedade moderna. Cada categoria de escola no âmbito econômico e a adversidade de aspiração das várias classes sociais determinavam a postura e a especialização do seu intelectual, estabelecendo desta forma a sua relação com o mundo da produção. Silva (2010) mostrou que protestantes e maçons perceberam na escola o instrumento para legitimar suas ações ideológicas. O protestantismo criou uma escola voltada para a formação do ser humano através dos valores ético-morais. A Maçonaria através da educação queria preparar o indivíduo para atuar naquele momento histórico marcado por profundas transformações econômicas. Ela pretendia preparar a classe dominada para a utilização das novas técnicas que o

processo de industrialização exigia (MORAES, 2003).

Compreender a cidade de Sorocaba como um espaço social de poder onde circula, legitima, organiza e propaga interesses dos agentes sociais pertencentes aos mais variados campos ajuda-nos a compreender as estratégias utilizadas pelos agentes sociais pertencentes à Maçonaria para a solidificação da sua estratégia de dominação. Nesta perspectiva, entende-se que há poder em todo lugar, fortalecido ou enfraquecido pelas relações estratégicas dos agentes sociais que dominam os mais variados campos: social, político, religioso, educacional e outros. Porém, o centro é o lugar onde o poder se configura com maior força e intensidade e representa o *locus* das articulações, estratégias e divulgação dos interesses dos agentes sociais dominantes. Segundo Bourdieu (2004), o poder dentro de um espaço social é determinado pelo capital econômico, social e cultural que circula dentro desse espaço.

É na cidade, especificamente na região central, que os republicanos, maçons, católicos e presbiterianos configuram seu lugar de poder. A cidade como espaço social, portanto lugar de disputa e legitimação do poder, detém a prerrogativa de produzir e disseminar conhecimentos que são determinantes na construção da cosmovisão que se pretende divulgar ou construir. Pode-se dizer que ela determina as políticas, as práticas sociais, a divisão social, a construção do *habitus*, a solidificação do capital, a visão de mundo e dos interesses dos agentes sociais. O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns. Portanto, uma visão única da sua identidade e uma visão idêntica da sua unidade (BOURDIEU, 2000, p. 117).

Uma das estratégias utilizadas para a circulação das ideias defendidas pelos agentes que compunham o espaço social urbano nesse período era o uso da imprensa, que por sua vez, divulgava os interesses dos republicanos pela educação. Nela se travam várias lutas com o objetivo de legitimar os interesses em jogo. O jornal *O*

Americano (03/06/1871) traz um manifesto da Maçonaria contra os ataques da Igreja Católica. Outros assuntos estavam na ordem do dia da imprensa sorocabana: crítica do modelo de educação defendida pelo ideário monárquico, defesa da República como instrumento político para construção de uma nova ordem social, educação como meio de desenvolvimento social e econômico da cidade.

O Sorocabano (1870) teve como editores Júlio Ribeiro e Pereira Salles. Júlio escrevia uma série de artigos em defesa da instalação de uma ferrovia na cidade, cuja proposta era sustentada por Matheus Maylasky. O jornal foi fundado em 13 de fevereiro de 1870. Vendido ao preço de “8 \$000 ao anno na cidade e 9\$000 fora”, tinha por princípio “pugnar pelo bem público, com especialidade pelos interesses do município. Dar voz a todas as reclamações justas e comedidas. Reproduzir os clamores da lavoura e do comércio. Abrir espaços a discussões de interesse geral” (13/02/1870, p. 01). Era seu principal colaborador Ubaldino do Amaral, maçom, abolicionista e republicano. Em 01 de setembro de 1872, transformou-se em *O Sorocaba*, e teve em Júlio Ribeiro seu redator-chefe. Deixou de existir em 1883.

O jornal *O Americano* (1871), propriedade de Francisco de Paula e Oliveira Abreu, traz severos ataques contra o catolicismo e se posiciona a favor da Maçonaria. O *A Gazeta Commercial* também era dirigida por Júlio Ribeiro. O jornal chegou a circular diariamente. A este se somavam *O Colombo* (1871), sob a direção de Domingos Silva, *O Votorantim* (1877), jornal literário e instrutivo, cujo redator-chefe era o professor Fidelis de Oliveira, e a *Gazeta de Sorocaba* (1878), de propriedade de Gaspar da Silva. O *Ypanema* (1872 – 1892) foi editado pela primeira vez em 25 de abril de 1872. Publicado “6 vezes por mês”, o jornal se propunha a defender os “interesses morais e materiais do município e do Sul da província”. E procurava “dar na parte literária alguns bons artigos e vulgarizar os melhores escritos de autores nacionais” (25/04/1872, p. 01). Seu editor e proprietário foi Manoel Januário de Vasconcellos,

maçom, sorocabano de nascimento e coronel da guarda nacional. Participou ativamente da campanha pela instalação da rede de esgoto na cidade. Em 1880, transformado em diário, passou a chamar-se *Diário de Sorocaba*. Este jornal contém ricas informações sobre a situação de Sorocaba do ponto de vista da educação escolar.

Tem-se ainda o jornal *O Trabalho* (1882), quinzenário, noticioso e literário. Até 1890, surgiram em Sorocaba outros dois periódicos jornalísticos: *A Tribuna* (1887) e *O industrial* (1890). Em 1891, a imprensa sorocabana continuou seu desenvolvimento. Começou a circular o *Diário de Sorocaba*, cujo proprietário era Manoel Januário de Vasconcellos, proprietário do jornal *O Ypanema*. O jornal *A Escola* era do professor Arthur Gomes, maçom e membro da Loja Perseverança III.

Outra estratégia utilizada para a modernização da cidade de Sorocaba foi a educação. No período delimitado nesse trabalho, pode-se perceber um acentuado processo de escolarização liderado por vários grupos sociais. Maçons, católicos, presbiterianos e outros setores da sociedade sorocabana organizaram várias instituições. Entre os objetivos educacionais de cada seguimento, podemos destacar a disputa pelo poder entre os grupos, mas também a necessidade que cada grupo tinha de ocupar um lugar no campo educacional sorocabano, objetivando também a solidificação da hegemonia do grupo de acordo com seus ideais e valores.

Educação e Maçonaria em Sorocaba na 2ª metade do Século XIX

Como já destacado, a cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX passou por um acentuado processo de modernização. Como parte dessa estratégia estava a educação. Para compreender um pouco sobre este processo evocamos o auxílio de alguns trabalhos sobre a educação em Sorocaba. Na perspectiva da história da educação, tem-se vários trabalhos que caracterizam o processo de escolarização da educação em Sorocaba. Um dos primeiros foi reali-

zado pelo historiador sorocabano Og Menon (2000). Seu trabalho teve por objetivo estudar a instrução escolarizada na cidade de Sorocaba no período compreendido entre 1870 e 1906. Além de mostrar as várias escolas da cidade de Sorocaba, ele também analisa a legislação brasileira que direcionava o funcionamento de tais instituições educacionais. Seu trabalho reúne também os principais relatórios dos professores encaminhados ao Inspetor da Província. Menon (2000) aponta a existência das seguintes escolas neste período: Escola Alemã, Escola Teuto-brasileira, Colégio Neuberth, Lyceu Municipal, Externato São Luiz, Escola Noturna Perseverança III, Grupo Escolar Antônio Padilha, dentre outras.

Em 1868, em ofício ao Inspetor da Instrução Pública, a professora de Primeiras Letras, Maria Flora de Souza, comunica que fora aberto um colégio de meninas instituído e dirigido por Da. Gertrudes de Almeida Pillar. O Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura era o professor de Primeiras Letras e de Francês, e suas irmãs, Da. Maria Gertrudes e Da. Narciza, "eram respectivamente as mestras de música, de prendas domésticas e dança". Tinha 11 alunas, sendo 5 internas e 6 externas e o estabelecimento se intitulava Colégio de Nossa Senhora Aparecida de Sorocaba. É importante frisar que Ubaldino do Amaral era um dos agentes sociais, que saiu da Loja Constância e fundou com outros maçons a Loja Perseverança III. Ele não somente circulava no campo maçônico como também já se projetava em 1868 no campo educacional sorocabano.

Em 1869, a Maçonaria sorocabana também liderou algumas iniciativas educacionais, criando uma escola noturna. Segundo Menon (2000), os maçons foram os pioneiros no ensino primário particular gratuito, com a introdução da escola noturna voltada especialmente aos analfabetos adultos e adolescentes que trabalhavam durante o dia, mas desejavam frequentar os bancos escolares à noite. Ela teve pouca duração, fechando em 1870.

Em 1874, era fundado o Colégio União Sorocabano para ambos os sexos, mas, já em 1875, continuou só com a seção feminina, dirigido pe-

las professoras norte-americanas H. Wullul e Anna Wilk. Não há evidências de que elas estavam ligadas ao presbiterianismo em Sorocaba. Em 1876, a Loja Constância também criou uma escola noturna, localizada na própria sede da Loja, na Rua Boa Vista. A ideia da criação da escola foi do professor e maçom Carlos Alberto Ferreira Araújo em sessão regular da loja, no dia 25 de setembro de 1876 (2º LIVRO DE ATA DA LOJA MAÇÔNICA CONSTÂNCIA, p. 155).

Em 1882 Manoel José da Fonseca, membro da Loja Maçônica Perseverança III, criou uma escola noturna para os seus operários e escravos, entregando-a aos cuidados do professor Horácio Ovídio de Oliveira. Manoel Fonseca era o proprietário da fábrica Nossa Senhora da Ponte, inaugurada em 02/09/1882. Vários membros desta Loja estiveram ligados ao movimento que instaurou a industrialização na cidade de Sorocaba.

Ainda por iniciativa dos maçons sorocabanos da Loja Perseverança, foi criada em 1888 a Escola Popular. Segundo Aleixo:

Em sessão de 16 de junho, o venerável Padilha comunica à loja haver cedido 'a sala de entrada' a uma associação que se formou visando manter aula noturna aos libertos.

Com a palavra, João José da Silva concitou a loja a apoiar referida associação cujo fim nobre, por si só, justificava a solidariedade maçônica, cuja associação aceitara o 'encargo de dar o pão do espírito àqueles que, além dos muitos trabalhos, permaneceram na mais crassa ignorância' e terminou apelando para que a loja também fornecesse a iluminação.

Essa entidade, sob o nome de 'Escola Popular', foi constituída pelos srs. Arthur Gomes, Adolfo Osse, Antonio Egídio Padilha, Benedito Cordeiro e João Padilha, sob o nome significativo de 'Luz e Liberdade'. Visava 'disseminar a instrução pelas classes que não a podem obter por deficiência de recurso'.

Passou a funcionar a partir do dia 2 de julho, em sala da Perseverança III, estando

matriculados 75 alunos nesse dia (1999, p. 388).

Poucos meses depois, alegando falta de recursos, os responsáveis pela escola comunicam o fechamento da mesma, publicando uma nota na imprensa sorocabana:

A sociedade Luz e Liberdade, por deliberação dos seus fundadores, resolveu suspender temporariamente as aulas noturnas que mantinha nesta cidade, a expensas suas e da Loja Perseverança 3ª, por causa do recrutamento que se está procedendo neste município. Cumpre acrescentar que essas aulas estabelecidas para os libertos, operários e meninos que não pudessem frequentar as diurnas, eram frequentadas por grande número dos mesmos, atingindo o número dos matriculados a cento e trinta e sete, e desde a notícia do recrutamento o número destes desceu a menos da quarta parte. Outrossim, a Escola popular conta três professores assíduos e esforçados que ensinam gratuitamente. Assim crê a sociedade haver dado ao público satisfatória razão ao repentino fechamento de sua escola (DIÁRIO DE SOROCABA, 20/10/1888).

Em 05 de janeiro de 1889, a escola retornou suas atividades educacionais com os mesmos objetivos anteriores, porém fechou em dezembro do mesmo ano. Em 1896, a Loja Perseverança III organiza mais uma escola noturna. A proposta foi feita por Amaro Egídio e João Clímaco de Camargo Pires, no dia 23 de setembro de 1895 com as seguintes cláusulas que regeriam esta instituição escolar:

- 1) Que devia funcionar na sala do prédio desta Loja;
- 2) que funcione diariamente com a exceção dos dias de trabalho da Loja;
- 3) que seja regida por um irmão ativo;
- 4) que o dito professor estabelecerá as horas de trabalho, com aprovação do irmão Venerável devendo ser de duas e meia horas de serviço;
- 5) que os irmãos se cotizem para pagamento de um professor que receberá seu ordenado todos os dias dez de cada mês, em que apresentar o movimento diário da mesma escola, po-

dendo o irmão venerável passar um atestado; 6) para dar execução a este projeto, será nomeada uma comissão com caráter definitivo composta de três membros sendo um diretor, outro procurador e outro mesário que agirão por si mesmo no sentido de propor as reformas que achar melhor, e finalmente; 7) no dia marcado para a instalação da aula, haja uma sessão solene para bem patentear os intuítos que animaram os membros desta oficina (ALEIXO, 1994, vol II, p. 121).

Em relatório encaminhado ao Inspetor Geral de São Paulo, Joaquim Silva afirma que a Loja Perseverança III inaugurou a Escola Noturna Perseverança no dia 15 de novembro de 1896 e começou a funcionar no dia 15 de janeiro de 1897 com 18 alunos matriculados. Segundo o mesmo relatório em maio do mesmo ano contava com 28 alunos, em junho contava com a presença de 92 alunos matriculados. Neste período a responsabilidade educacional esta sob a responsabilidade do professor normalista Álvaro de Moraes Rosa. (Arquivo do Estado de São Paulo, 19/04/1899, ordem 5110). Em 1898, deixou a direção da escola, assumindo seu lugar o maçom Otto Wey. Ao mencionar o programa Joaquim Silva escreve:

O programa, como se vê abaixo, é muito resumido: nem de outra forma pode ser o de uma escola que se dedica ao ensino de quem não dispõe para o estudo senão do tempo em que está na escola, como sucede aos alunos da Perseverança em sua quase totalidade empregados nos estabelecimentos industriais da cidade. Programa. Português: noções gramaticais, exercícios de leitura, declamação e redação. Aritmética: estudo prático dos números até operações sobre juros. Geografia: ideia geral sobre o mundo, noções de geografia do Brasil e de São Paulo. História Pátria: explicações das datas nacionais e educação cívica (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 19/04/1899, 5.110).

Além de afirmar que a escola estava em constante crescimento, acentua que quase todos os alunos se encontravam empregados nas in-

dústrias de Sorocaba. Pelo relatório podemos observar que os alunos eram oriundos das camadas desfavorecidas da cidade e que não tinham condições de arcar com o material exigido no programa curricular. Para se matricular na escola noturna, os operários precisavam trazer o cartão das respectivas fábricas em que trabalhavam (O 15 DE NOVEMBRO, 14/02/1897).

Diante disso, Joaquim da Silva, afirma que o material escolar era fornecido pela Perseverança III. As carteiras eram fornecidas pelo poder público. O ensino era totalmente gratuito e declara que a escola noturna não recebia nenhum auxílio financeiro dos cofres públicos. Neste período, a escola contava com 48 alunos matriculados e com uma frequência regular de 40 alunos. Segundo o relatório, as aulas funcionavam diariamente das 6:30h às 21:30h, exceto aos sábados, domingos e segundas-feiras. A idade média dos alunos matriculados era de 13 a 22 anos. Estavam matriculados 37 brasileiros e 11 estrangeiros. Um dos textos utilizados para a leitura era a "cartilha nacional" de Júlio Ribeiro.

Joaquim Silva, em tom retórico e crítico, termina o relatório com as seguintes palavras:

Estes são os dados que ao governo pude fornecer como professor da escola sustentada pela benemérita associação que lhe dá o nome, e que não fosse sua iniciativa, condenaria ao exílio das trevas aqueles que não têm recursos para pagar professores ou que acham impossibilitados de frequentar as aulas diurnas, principalmente depois que o governo do estado não mais reabriu a escola que aqui sustentava (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1899, 5110).

O relatório ainda traz a seguinte relação de alunos matriculados na Escola Noturna Perseverança:

Tabela 1. Alunos da Escola Noturna Perseverança – 1899.

Alunos da Escola Noturna Perseverança – 1899				
N.	Nome	Filiação	Idade	Natural:
1	Alberto Mentone	Luiz Mentone	9	Sorocaba
2	Arthur Malanconi	Raphael Malanconi	12	Sorocaba
3	Aristides Dias	Frutuoso Dias	11	Sorocaba
4	Antonio Marrone	Constantino Marrone	11	Itália
5	Abel Fogaça	Pedro Fogaça de Almeida	12	Sorocaba
6	Adonias Fogaça	Pedro Fogaça de Almeida	10	Sorocaba
7	Augusto Nogueira	Francisco Nogueira	13	Sorocaba
8	Alfredo Rodrigues Padilha	João Rodrigues de Oliveira	12	Sorocaba
9	Antonio Rolim de Oliveira	B. Rolim de Oliveira	11	Itapetininga
10	Antonio Juliano	J. Juliano	13	Sorocaba
11	Benedicto Félix dos Santos	Joaquim Pedro dos Santos	14	Sorocaba
12	Benedicto Rodrigues Amorim	Anna G. de Moraes	7	Sorocaba
13	Benedicto Paulo da Rosa	Maria C. Conceição	13	Sorocaba
14	Benedicto Schultz	Júlio Schultz	12	Sorocaba
15	Carlos Schultz	Júlio Schultz	13	Sorocaba
16	Cândido Silva	Denictina Silva	13	Sorocaba
17	Edmundo Malanconi	Raphael Malanconi	10	Sorocaba
18	Gabriel Osse Padilha	Adolpho Osse	8	Sorocaba
19	Gilberto Benedicto de Souza	Benedicto de Souza	17	Sorocaba
20	Hermenegildo Gomes	Eduardo Pinto	13	Portugal
21	Isaltino Vieira	Antonio José	18	Sorocaba
22	Isaías Soares	José R. Soares	10	Sorocaba
23	Juvenal R. Camargo	Joaquim Rodrigues Camargo	10	Sorocaba
24	João Rodrigues E. Santo	Messias J. do E. Santo	12	Sorocaba
25	João Barbo	Theodoro Barbo	13	Sorocaba
26	João Juliano	José Raphael Juliano	13	Sorocaba
27	Jeronymo Pires de Andrade	Anna Rocha	12	Sorocaba
28	José Palotta	Antonio Palotta	12	Itália
29	José Facio	Thomaz Facio	9	Itália
30	José Mentoni	Luiz Montoni	11	Itália
31	Joaquim Barbosa	Manuel Serrulha	14	Sorocaba
32	Luiz Osse Padilha	João Osse	8	Sorocaba
33	Leopoldo P. Porto	M. P. Porto	21	R. G. Sul
34	Lourenço Cunazzi	Constantino Cunazzi	13	Itália
35	Moysés Aguiar de Campos	João B. de Aguiar	22	Sorocaba
36	Mazzini Sccta	Frederico Scotta	19	Itália
37	Manoel F. Gaspar	J. Antonio Gaspar	13	Portugal
38	Pedro Luiz de C. Araújo	Florentino Neves de Araújo	18	Sorocaba
39	Pedro Monteiro	Joaquim Monteiro	8	Sorocaba
40	Pedro Soares	A. Soares	7	Sorocaba
41	Raphael Canineo	Philomeno Canineo	11	Itália
42	Sylvio Dias	I. Dias	12	Sorocaba
43	Umberto Canineo	Philomeno Canineo	14	Itália
44	Vicente Eugênio de Paula	Tutor: J. Nóbrega Almeida	15	Sorocaba
45	João Soares	José R. Soares	12	Sorocaba
46	Achilles Sampaio	Joaquim F. de Sampaio	16	Sorocaba
47	Sylvino Sampaio	Joaquim F de Sampaio	18	Sorocaba
48	Gregório Facio	Thomas Facio	16	Itália

Fonte: elaborada pelo autor.

Ao trazer a relação dos nomes dos alunos que pertenceram a Escola Noturna Perseverança, este trabalho avança nas análises feitas pelo historiador Vanderley da Silva (2009), que não trouxe para a discussão qualquer menção dos alunos que faziam parte dessa escola. Uma análise mais acurada sobre os nomes acima mencionados revelou três alunos ligados ao presbiterianismo em Sorocaba: Abel Fogaça, Adonias Fogaça e Moysés Aguiar de Campos. Os dois primeiros eram filhos de um dos líderes da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, o Diácono Pedro Fogaça de Almeida. Moysés Aguiar de Campos era filho de João Baptista de Aguiar, conhecido presbítero. Os pais dos alunos foram líderes na Igreja Presbiteriana, tanto sob a liderança de Antônio Pedro como sob a liderança de Zacharias de Miranda. Este relatório torna razoável a possibilidade de que Zacharias de Miranda, ao encerrar seu período de pastorado em Sorocaba, deixou seus alunos aos cuidados da educação maçônica e do Grupo Escolar Antônio Padilha. Os líderes acima mencionados da igreja local apoiavam as iniciativas políticas do pastor Zacharias de Miranda. E segundo o relatório acima analisado todos eram de origem pobre ou não tinham condições de pagar seus estudos. Além disso, o relatório afirma que muitos deles trabalhavam nas indústrias em Sorocaba.

Retornando a década de 80 do Século XIX, apareceram várias escolas que atendiam a comunidade de cultura germânica da cidade, além das ligadas à Maçonaria. Em 1886, a Escola Alemã, fundada por iniciativa de alemães residentes em Sorocaba, estava localizada no Largo do Rosário, e posteriormente, na Rua São Bento, n. 11 (DIÁRIO DE SOROCABA, 09/07/1886). Mais tarde essa escola passou a se chamar Colégio Montbé, por iniciativa do professor Frederico de Montbé (DIÁRIO DE SOROCABA, 06/08/1887).

Na década de 80, tem-se ainda, a escola Teuto-brasileira, localizada na rua das Flores, n. 11, dirigida Emílio Cillis (DIÁRIO DE SOROCABA, 27/02/1887). O jornal ainda aponta a existência do Colégio Neuberth dirigido pela professora Maria Emília Jacob Neuberth, organizado em 1888 e localizado na Rua do Hospital, n. 7

(DIÁRIO DE SOROCABA, 18/07/1888). Segundo Aluísio de Almeida, Maria Neuberth era uma professora belga, que abriu sua escola para meninas e oferecia curso primário e secundário (DIÁRIO DE SOROCABA, 22/10/1965). Apesar de belga, possivelmente sua escola também foi criada para atender os imigrantes alemães em Sorocaba. Isso porque ela tinha na sua proposta curricular o ensino de alemão, além de ensinar doutrina cristã e história cristã, o que sugere que as famílias das alunas eram alemães pertenciam à religião católica.

Em 1886, a Câmara Municipal organizou o Liceu Municipal. Menon faz o seguinte comentário a respeito:

A Câmara Municipal resolve criar em 1872, uma escola municipal de ensino secundário, gratuita e destinada ao sexo masculino. No entanto, problemas políticos não permitiram que a Comissão nomeada para estudar a sua implantação se reunisse. Mas, diante do aumento da pressão social, que reivindicava insistentemente uma escola de ensino secundário, a Câmara Municipal, finalmente, em 1886, cria a escola que recebe o nome de Liceu Municipal e a inaugura em 05 de novembro de 1887. Nesse dia, a Câmara se reuniu solenemente para ouvir "o presidente apresentando o seguinte Programa de ensino: Português, Francês, Inglês e Latim" (2000, p. 60).

Em 1887, conforme relatório encaminhado à Inspeção Geral de Instrução Pública, o campo educacional sorocabano era composto das seguintes escolas particulares:

Relação dos Estabelecimentos de Ensino Particular existentes no Município de Sorocaba anteriormente ao regulamento de 22 de agosto do corrente ano:

1º. Colégio Montbé, sob a direção de Francisco Montbé destinado ao ensino secundário do sexo masculino; sendo professores o Diretor e Luiz Mesquita Barros.

2º A escola regida por Benedicto Estevam Cordeiro, destinada ao ensino primário de sexo masculino.

3º. Liceu regido pelo professor Ignácio Azevedo Coutinho, destinado ao ensino primário do sexo masculino, sendo seu proprietário o mesmo professor

4º. O Colégio Santíssimo Coração de Jesus, sob a direção de D. Brazília Dultra e Silva, destinado ao ensino primário e secundário do sexo masculino; sendo seu professor a própria diretora.

5º. A Escola mista, regida pela professora Joaquina E. de Oliveira, destinado ao ensino primário, sendo sua proprietária a mesma professora.

6º. A escola mista regida pela professora D. Vicência Wuzershs Durski, destinada ao ensino primário, sendo sua proprietária a mesma professora.

7º. A escola regida pelo professor Alfredo Ferreira de Queiroz, destinada ao ensino primário e secundário do sexo masculino, seu proprietário é o mesmo professor.

Existem neste município, além destes, mais dois estabelecimentos de ensino particular, por terem sido inauguradas após a publicação do regulamento supra referido, segundo consta ao relatório por este conselho enviado em 3 de novembro último (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 16/09/1887, 5110).

Em relação às escolas públicas em Sorocaba, na década de 70 existiam quatro escolas de primeiras letras mantidas pela Província, conforme ofício encaminhado pelo inspetor do distrito de Sorocaba Luiz Augusto Ferreira ao inspetor geral da instrução pública Francisco Aurélio de Souza Carvalho (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 03/11/1874, 5110), com 248 alunos matriculados.

Na década de 80, conforme ofício manuscrito encaminhado pelo inspetor do Distrito, Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury, para o inspetor geral da instrução pública da Província de São Paulo, Francisco Aurélio de Souza Carvalho, existiam 12 escolas públicas primárias, sendo 8

destinadas ao sexo masculino e 4 para o sexo feminino. Há um total de 556 alunos, dos quais, 438 são considerados frequentes e 75 não frequentes, além de 43 eliminados. Do sexo masculino havia 378 alunos matriculados e eliminados 37, frequentes 289 e não frequentes 52. Do sexo feminino tinha 178 alunos matriculados, sendo 149 frequentes e 23 não frequentes (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 25/11/1883, ORDEM 5110).

No final da década de 80, existiam 13 escolas públicas, sendo 366 alunos do sexo masculino e 242 do sexo feminino, totalizando 608 alunos matriculados nos estabelecimentos de instrução pública. O ofício manuscrito também apresentou a existência de 9 escolas particulares, que por sua vez, tinham 186 alunos matriculados (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 15/11/1887, ordem 5110).

Og Menon (2000) foi um dos primeiros pesquisadores sorocabanos a apontar a participação dos protestantes na educação escolar sorocabana. Ele faz a seguinte observação a respeito:

A escola, como as demais em todo o país, tinha como objetivo atender aos alunos que sofriam, nas escolas públicas, coações, em função da intolerância religiosa e política que atingia por essa época aqueles que professavam outra religião que não a católica e que, politicamente, se mostravam favoráveis à mudança do sistema político então vigente. A escola presbiteriana, em Sorocaba, estabelecida junto à igreja, localizada à Rua das Flores, hoje Monseñor João Soares, introduzia o método estadunidense de estudo, isto é, o costume da leitura em voz alta e da decoração é substituído pelo sistema intuitivo e pela leitura silenciosa; o programa de ensino baseava-se em compêndios próprios "como as gramáticas de Júlio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, a aritmética de Antônio Trajano, as obras de Otoniel Mota e os livros de leitura de Erasmo Braga"; o calendário escolar, com 190 dias letivos e com aulas de 2ª a 6ª feira, sendo o sábado livre; a introdução da sala de aula para ambos os sexos; a proibição de qualquer tipo de castigo físico. Embora constasse de

seus princípios estar aberta a todas as tendências políticas e credos religiosos e à indistinção de cor e raça, a escola era freqüentada somente por protestantes que propagandeavam a república, por elementos brancos como portugueses, alemães e suíços e por aqueles que detinham certo poder aquisitivo, já que a escola era paga. Freqüentavam a escola, ainda, os filhos dos maçons, em função da grande interação existente entre eles. (MENON, 2000, p. 74)

As primeiras observações levantadas por Menon colaboram para uma melhor compreensão de alguns aspectos da educação protestante em Sorocaba. Porém, Og Menon afirma que a escola protestante em Sorocaba foi criada enquanto reação, para atender crianças perseguidas, desconsiderando a possibilidade da estratégia de evangelização pela escola.

As observações levantadas acima dão algumas pistas sobre a cidade de Sorocaba enquanto uma cidade com a oferta de algumas possibilidades educacionais. No entanto, em 1870, o inspetor do distrito de Sorocaba, Messias José Corrêa, encaminha um relatório ao Inspetor Geral de Instrução Pública em que questiona a baixa frequência. Para o inspetor, a questão da pouca frequência de alunos nas escolas sorocabanas acompanhava uma situação apresentada em todo o território brasileiro (ARQUIVO DO ESTADO SE SÃO PAULO, 1870, N.5110). Porém, na ótica do professor Venâncio José Fontoura, em relatório sobre a situação de sua aula, havia outra razão:

Existem 77 alunos matriculados, dos quais 64 freqüentes. Este número ainda está longe de ser proporcional à população de Sorocaba, mesmo levando em conta as matrículas das outras aulas. Deve-se, todavia, atender (?) a uma circunstância, e é que este município eminentemente agrícola, tem os seus habitantes disseminados em uma vasta área, e o cultivo do algodão proporciona trabalho às crianças, que deveriam acorrer às escolas (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1870, 5110).

A pouca frequência nas escolas estava relacionada segundo o professor Fontoura às dificuldades que os habitantes tinham em frequentá-las, pois moravam em lugares distantes e as crianças realizavam trabalhos no plantio de algodão. Vemos que o professor era mais realista do que o inspetor.

O arrolamento das escolas na segunda metade do século XIX, feito neste tópico, nos ajuda a ter uma visão panorâmica das várias instituições escolares da cidade de Sorocaba. Além disso, mostra que algumas escolas existiram por iniciativa particular de alguns professores e outras para atender grupos específicos, como é o caso das escolas alemãs, da escola noturna, da escola italiana, e da escola protestante, que ainda será analisada. Segundo a discussão acadêmica de historiadores sorocabanos que avançam o trabalho pioneiro de Og Menon, estas instituições contribuíram com as mudanças ocorridas na cidade no período apontado, não só preenchendo a lacuna deixada pelo ensino público como tomando a iniciativa para atender a uma demanda de grupos socioculturais específicos: os estrangeiros, as mulheres, os trabalhadores.

O trabalho de Silva (2010) menciona a participação de maçons e presbiterianos no processo de escolarização na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX. O autor destaca a existência de uma escola chamada Escola Americana, que tinha como diretora a professora Palmyra Rodrigues de Cerqueira Leite, que ficou a frente dessa escola até 1886. Mais tarde, tem-se o registro da participação do Reverendo Zacharias de Miranda, que tinha sob sua responsabilidade o Colégio Sorocabano. Silva afirma que era uma continuidade do projeto educacional inaugurado pela professora Palmyra. O autor destaca que o diretor do Colégio Sorocabano, além de pastor, era maçom e vereador da cidade de Sorocaba. Ele fazia parte do grupo de maçons republicanos que buscavam implantar através das suas ações a modernização na cidade de Sorocaba. Como parte da estratégia de modernização estava a educação, a república, a reconfiguração do

espaço urbano e outras medidas.

Importante registrar que o fato de não existir nesse período lutas ou conflitos entre as várias instituições escolares em Sorocaba explicitamente documentados nas fontes consultadas, não significa que não existia concorrência entre elas. Pelo contrário, na perspectiva das relações de poder postulada neste trabalho a existência das instituições escolares supracitadas pode implicar aquilo que Bourdieu (2007) chama de luta da concorrência, ou seja, a forma como as instituições, organizações e classes sociais se posicionam em determinado momento histórico com o objetivo de garantir seu lugar no campo e com o objetivo de atrair para dentro dela determinado grupo de pessoas.

Neste jogo de concorrência, as classes sociais ou instituições procuram conquistar vantagens em relação às outras. Segundo Bourdieu, sempre que as forças e os esforços de grupos em concorrência por determinada espécie de bens tendem a equilibrarem-se como em uma corrida, as diferenças iniciais entre elas acabam por manter-se, ou seja, os grupos situados acima deles na hierarquia social ou à sua frente na corrida são praticamente compensados para conservar a raridade e a distinção de seus bens e diplomas. Observa-se que as várias instituições escolares na segunda metade do século XIX em Sorocaba representavam uma diversificação dos ramos de ensino na cidade de Sorocaba.

A existência de várias escolas na segunda metade do século XIX pode então sugerir a existência de instituições educacionais escolares destinadas a atender grupos sociais portadores de diferentes capitais culturais e sociais: escola para alemães, italianos, operários, elite, para católicos, para protestantes e outras. O capital cultural da família direcionava o tipo de estabelecimento educacional que seria frequentado por seus filhos.

Apenas para tomarmos três das forças representativas da cidade de Sorocaba naquela época, podemos dizer que, na perspectiva das relações de poder, ocorreram sim disputas no

campo educacional sorocabano entre Maçonaria, Catolicismo e Presbiterianismo.

Considerações finais

O presente trabalho tentou contemplar a participação da Maçonaria sorocabana no processo de escolarização na segunda metade do século XIX, mostrando que seus agentes sociais atuaram de acordo com as ideologias maçônicas, visando a modernização da cidade de Sorocaba. A cidade, vista como espaço de poder e circulação de ideias, explicita como os agentes sociais dos mais variados campos agem com o objetivo de garantirem sua hegemonia e poder.

Entre as estratégias, o jornal ocupava um lugar público de transmissão e circulação de ideologias, visando consolidar a proposta modernizadora da elite sorocabana. E para defender suas ideologias, esses agentes sociais colocaram-se como porta-vozes do processo de modernização. A imprensa jornalística e seus intelectuais ofereceram suporte discursivo para convencer outros agentes sociais da elite sorocabana sobre a necessidade de modernizar a cidade. Ficou evidente que a modernização pleiteada pela "nova" elite sorocabana foi possível porque alguns dos seus membros ocupavam vários campos da cidade: político, religioso, maçônico e, principalmente, educacional.

Além de propagarem ideias ligadas a abolição dos escravos, construção de estradas de ferro, modernização da cidade e ideais republicanos, uma das lutas abraçadas por maçons na imprensa sorocabana foi em relação ao direito dos protestantes de serem enterrados nos cemitérios da cidade. Polêmica essa que tomou conta de várias páginas dos jornais. O jornalista Júlio, já destacado anteriormente, também possibilitou o contato dos missionários norte-americanos em Sorocaba com os maçons. Ele pertencia a Loja Maçônica América, frequentada por maçons como Américo de Campos, Joaquim Nabuco, e Francisco Rangel Pestana. Em Sorocaba, filiou-se a Loja Perseverança III, onde ocupou vários car-

gos e, influenciado pelas ideias maçônicas, participa das lutas que combatiam a política imperial.

Portanto, no campo educacional sorocabana entre o fim do Império e início da República, as escolas faziam parte das estratégias de vários agentes sociais para legitimarem seus interesses, contribuir para a formação intelectual do grupo elitizado, modernizar a cidade além da circulação e disputa de vários modelos pedagógicos.

Referências Bibliográficas

- ALEIXO IRMÃO, José. *A Perseverança III e Sorocaba*. Da fundação a Proclamação da República. Sorocaba: Fundação Ubaldo do Amaral, 1999.
- ALEIXO IRMÃO, José. *A Perseverança III e Sorocaba. Da queda da Monarquia ao fim da primeira República*. Sorocaba (1889-1930): Fundação Ubaldo do Amaral, Vol. II, 1994.
- ALMEIDA, Aluísio de. *História de Sorocaba 1822-1889*. Vol. II. Sorocaba: Gráfica Guarani, 1951. 84p.
- ALMEIDA, Aluísio de. Artigos publicados nos jornais *Cruzeiro do Sul* e *Diário de Sorocaba*. Acervo: Adolfo Frioli.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Discutindo a sociabilidade moderna: o caso da maçonaria*. In.: *Narra o Passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 215-234.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras. A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre A Teoria da Ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Intelectuais, política y poder*. Buenos Aires: Eudea, 2007, 260p.
- CAVALHEIRO, Mariângela Carvalho. *A produção literária de Julio Ribeiro em Sorocaba*. Sorocaba: Digipel, 2001.
- CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Scenas da Escravidão: breve histórico sobre a Escravidão negra em Sorocaba*. Sorocaba: Create, 2006.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *História da Educação: Leituras*. Thompson, 2003, 134p.
- MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592p.
- MENON, Og Natal. *A Educação Escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República*. PUC: São Paulo, 2000, 367p.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *O Ideário Republicano e a Educação. Uma contribuição para a História das Instituições*. Campinas: Mercados das Letras, 2006
- MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *A socialização da força de trabalho: Instrução popular e qualificação profissional no estado de São Paulo (1873-1934)*. EDUSP, 2003, 490p.
- MOREL, Marco. *Sociabilidades entre Luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias na primeira metade do século XIX*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. n. 28, 2001, p.3-22.
- PAVAN, Diva O.; PASSOS, Laurizete Ferragut. *Cidade e Instituição Escolar nas trajetórias e práticas educativas de professoras*. Trabalho publicado no site: http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/34DivaPavan_LaurizetePassos.pdf - acessado em 06/04/2013.
- SILVA, Ivanilson B. da. *Apontamentos sobre Maçonaria, Abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX*. REVISTA HISTEDBR on line, 27 (2007): 95-111.
- _____. *A cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. Orientação Maria Lucia Spedo Hilsdorf. São Paulo: s.n., 2010.
- SILVA, Vanderlei da. *A participação da Loja Maçônica Perseverança III na educação escolar em Sorocaba: do final do segundo reinado ao final da primeira república*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Sorocaba, 2009, 108p.

Fontes Primárias - Livro de Atas das Igrejas e Lojas Maçônicas, Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, Livro de Casamentos e de Nascimentos.

- Livro de Atas da Loja Maçônica Constância. Sorocaba 1872:
- Livro de Matrículas da Loja Maçônica Constância. Sorocaba, 1847.
- Livro de Joias e Mensalidades da Loja Maçônica Constância, 1850. 54p.
- Livro de Atas da Loja Maçônica Perseverança III. Sorocaba, 1869.

Fontes Primárias – Jornais:

- Jornal Diário de Sorocaba (várias edições) – 1877-1899
- Jornal O Alfinete. 18923 (várias edições)
- Jornal Colombo 1877 (Várias edições).

Jornal 15 de novembro (várias edições).

Jornal O Sorocabano (várias edições)

Jornal Ypanema (várias edições)

Jornal O Americano (várias edições)

Jornal Gazeta Comercial (Várias edições)

Jornal A Província de São Paulo (várias edições).

Jornal A Gazeta de Campinas (várias edições)

Jornal A Voz do Povo (várias edições).

Fontes Primárias - *Relatórios e Ofícios sobre Educação da Cidade de Sorocaba – Arquivo do Estado:*

Livro de Registro de Escolas Particulares na Província de São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo 1884-1895, ordem 5111.

Relatório do Conselho de Instrução do Distrito de Sorocaba, em 23/11/1874. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Januária de Oliveira Simas, Professora da 2ª cadeira do sexo feminino, em 25/11/1873. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Luiz Augusto Ferreira, Inspetor do Distrito de Sorocaba, em 03/11/1874. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da Segunda Cadeira do Sexo Masculino, em 15/10/1870. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da 2ª Cadeira do sexo masculino, em 26/05/1873. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício encaminhado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da 2ª Cadeira do sexo masculino, em 22/09/1875. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício apresentado ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Messias José Corrêa, Inspetor do Distrito, em 29/10/1871. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Ofício do inspetor do distrito, Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury para o inspetor geral da instrução pública da Província de São Paulo, Francisco Aurélio de Souza Carvalho. Arquivo do Estado de São Paulo, 25/11/1883. Ordem 5110.

Relatórios apresentados ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Messias José Corrêa, Inspetor do Distrito de Sorocaba, em 26/10/1870. Arquivo do Estado de São Paulo,

ordem 5110

Relatórios apresentados ao Inspetor Geral da Instrução Pública: Venâncio José Fontoura, Professor da Segunda Cadeira do Sexo Masculino, em 15/09/1869. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110

Relatório do Conselho da Instrução ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Francisco Aurelio de Souza Carvalho. Sorocaba, 17 de fevereiro de 1875. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório da diretora do Collegio de Sorocaba, professora Annita Guilhermina Wilke ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Francisco Aurelio de Souza Carvalho. Sorocaba, 14 de novembro de 1876. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório do professor da 3ª Cadeira, Fidelis de Oliveira ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Francisco Aurelio de Souza Carvalho. Sorocaba, 01 de junho de 1877. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório do Inspector de Distrito, Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury ao Inspector Geral da Instrução Publica, Dr. Antonio de Campos Toledo. Sorocaba, 11 de novembro de 1882. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Relatório do secretário do Conselho Municipal de Sorocaba João Padilha de Camargo encaminhado ao Inspetor Geral de Instrução Pública em 16/09/1887. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110.

Relatório do professor Arthur Gomes sobre o Lyceu Municipal ao Director da Instrução Publica da Província, Dr. Arthur Cesar Guimarães. Sorocaba, 29 de outubro de 1888. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.

Primeiro Relatório do Inspector do 25º Distrito Litterario, José Monteiro Boanova ao Diretor Geral da Instrução Publica, Dr. Arthur Cesar Guimarães. Sorocaba, 16 de novembro de 1895. Arquivo do Estado. Ordem 5.111.

Relatório do professor Joaquim Silva sobre a Escola Noturna Perseverança III ao Presidente da Camara Municipal de Sorocaba. Sorocaba, abril de 1899. Arquivo do Estado. Ordem 5.110.